

OS AÇORES EM 1832
A PERSPECTIVA
DO COMANDANTE EDWARD BOID,
OFICIAL INGLÊS E ROMÂNTICO

por

JOÃO PAULO A. PEREIRA DA SILVA *

ABSTRACT

The year of 1832 brought to the Azores the famous liberal expedition commanded by Dom Pedro and almost entirely composed of British troops. Integrated in this military contingent was Captain Edward Boid, author of *A Description of the Azores or Western Islands* (1834), a travel book that registers the experiences and impressions he gathered during his stay in the archipelago.

The narrative comprises two opposite but complementary perspectives of the Western Islands, that reflect the complexity of the author's character and background. Although Boid's aesthetic vision of nature and his fascination for the picturesque and sublime aspects of landscape in the Azores reveal his romantic tendencies, his views about the socioeconomic and political situations in the archipelago are profoundly negative. Therefore, he frequently accuses the Portuguese civil and religious authorities of incompetence and negligence. The book also contains some relevant details for the study of the Britain military presence in Portugal during the civil war, that it lend considerable historical interest.

RESUMO

O ano de 1832 trouxe aos Açores a célebre expedição liberal liderada por D. Pedro e constituída quase inteiramente por militares britânicos. Integrado neste contingente militar estava o comandante Edward Boid, autor de *A Description of the Azores or Western Islands* (1834), relato de viagem onde registou as experiências colhidas no Arquipélago.

A narrativa encerra duas visões opostas mas complementares das Ilhas Ocidentais, denunciando a complexidade do temperamento e da formação do autor. Assim, a par de uma apreciação estética da paisagem do Arquipélago, claramente integrada no espírito romântico, deparamos com uma análise bastante desfavorável do panorama social, político

* Assistente do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

e económico da região, na qual abundam as acusações às autoridades civis e eclesiásticas portuguesas.

O relato contém ainda alguns pormenores relevantes para o estudo da intervenção militar inglesa em Portugal durante as lutas liberais e igualmente da expedição de 1832, que acrescentam à obra um inegável interesse histórico.

*Come, cheer up, my lads, 'tis to glory we steer,
To add something new to the coming year —
'Tis to honour we call you, for Portugal's cause,
to fight for her Queen, Constitution, and Laws.*

*What Englishman, then would not rise at the sound?
Who in freedom's defence always foremost are found?
What Briton but freely would lay down his life,
For an innocent Queen, in the glorious strife?*¹

ENTRE os fenómenos que marcaram a história dos Açores no século XIX, a afluência de estrangeiros ao Arquipélago é, sem dúvida, um dos mais interessantes, não só pelo estudo das razões que os levam a visitar ou a fixar-se naquela região, como pela quantidade de relatos e descrições que nos forneceram da realidade açoriana naquele período.

A crescente melhoria das condições de transporte e das ligações marítimas entre o continente europeu e a América transformou os Açores num ponto de escala obrigatório para todos aqueles que então atravessavam o Atlântico. Este facto suscitava uma crescente curiosidade pelo Arquipélago, conduzindo alguns viajantes a uma visita episódica e outros a uma estada mais ou menos prolongada na Região.

A par deste fenómeno, teremos de referir a fase de intenso intercâmbio comercial entre os Açores e os diversos países da Europa, gerado pelo florescimento do comércio da laranja que atraía determinado número de estrangeiros a fixarem-se nos Açores, onde se dedicavam ao plantio e exportação daquele produto, criando uma importante fonte de riqueza para a Região.

O comércio da laranja, centrado na ilha de S. Miguel, era então controlado pelos ingleses, que formavam uma pequena colónia em Ponta Delgada, à imagem daquilo que acontecia noutras regiões de Portugal Continental, onde se haviam estabelecido feitorias britânicas — no Porto, em Lisboa e em Setúbal, ou igualmente no Funchal.

São também numerosos os visitantes que então se dirigiam aos Açores por motivos meramente turísticos, atraídos pelo carácter exótico e invulgar da paisagem e pelas suas belezas naturais. Outros ainda, como os irmãos Joseph e Henry Bullar (autores da obra *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas*, 1841), buscaram na amenidade do clima e nas inúmeras fontes termais do Arquipélago a cura de determinadas enfermidades.

Neste mesmo século são cada vez mais frequentes as expedições científicas aos Açores, características de um período em que se regista um crescente fascínio pela investigação e descoberta nas áreas mais diversas. Os propósitos destes viajantes eram fundamentalmente o estudo da geologia do Arquipélago, das várias formas de vulcanismo nele patentes, ou de aspectos particulares da sua fauna e flora.

Factores de carácter político e estratégico determinaram igualmente a vinda aos Açores de numerosos estrangeiros, em particular de elementos do exército britânico. Como se sabe, a Grã-Bretanha era não só a principal aliada de Portugal como igualmente a maior potência militar do mundo, estendendo o seu poder hegemónico a todos os continentes, o que obrigava os membros do exército a frequentes deslocações. Alguns dos relatos de viagem sobre os Açores produzidos no século passado são da autoria de oficiais ingleses. É o caso de Thomas Ashe e de Edward Boid, cuja descrição do Arquipélago será o objecto de estudo deste trabalho.

Tendo em conta os motivos anteriormente apontados, será fácil depreender que a maioria dos estrangeiros, que então percorria os Açores ou aí residia, era de origem britânica. É claro que esta forte presença inglesa na região só poderá ser entendida no quadro das multisseculares relações entre Portugal e a Grã-Bretanha, que atravessaram fases de cariz predominantemente comercial, como acontecera ao longo do século XVIII, mas em determinadas épocas motivaram a intervenção militar britânica no nosso país. Tal acontece durante toda a primeira metade do século XIX, fundamentalmente a partir da Guerra Peninsular e até ao fim do conflito armado que opôs entre 1826 e 1834 liberais e absolutistas.

Embora a presença inglesa nos Açores durante este período se fique a dever à intensificação do intercâmbio comercial com a Grã-Bretanha, o ano de 1832 trará ao Arquipélago a célebre expedição liberal organizada e liderada por D. Pedro e constituída quase inteiramente por militares britânicos, acompanhados por alguns elementos de outras nacionalidades e refugiados políticos portugueses em França e Ingla-

terra. Sendo na época o único bastião liberal em território português, os Açores transformaram-se em local de encontro para os adeptos do regente D. Pedro e da sua filha D. Maria e serviram de escala à esquadra que, partindo de Belle Isle, nas costas da Bretanha, teria como destino o Mindelo, nos arredores do Porto, onde se efectuariam o desembarque final.

A expedição comandada pelo almirante George Rose Sartorius, chega a S. Miguel em 22 de Fevereiro de 1832 e irá permanecer no Arquipélago quatro meses, até 22 de Junho de 1832. Integrado neste corpo expedicionário estava o comandante Edward Boid, secretário particular de Sartorius, que descreve nas páginas do seu livro sobre os Açores as experiências e impressões colhidas no local ao longo da sua estada. Esta obra intitula-se *A Description of the Azores or Western Islands* e foi publicada pela primeira vez em 1834². A visão do Arquipélago que através dela nos transmite será, como dissemos, o objecto de análise deste estudo.

Mas a obra de Edward Boid deverá ser simultaneamente enquadrada no conjunto dos relatos ingleses produzidos no século XIX sobre os Açores e no quadro mais vasto da literatura de viagens sobre Portugal, publicada por militares ingleses que participaram na expedição de 1832, ao lado do nosso autor e de outros que combateram igualmente as forças absolutistas, sob o comando do almirante Charles Napier.

Este importante conjunto de obras inglesas sobre a guerra civil, de cariz heterogéneo, possui essencialmente um interesse histórico e documental. A forma de que se revestem é bastante diversificada e inclui não só descrições de viagens, como diários, esboços e notas soltas, ou ainda compilações de cartas. Na sua totalidade constituem um importante testemunho da realidade política, social e económica do nosso país, e o seu estudo será fundamental para um conhecimento profundo deste período da história portuguesa.

A título de exemplo, referiremos os nomes de alguns autores que acompanharam Boid na expedição de 1832 e produziram relatos da mesma. São eles Peter Mins, autor de *A Narrative of the Naval Part of the Expedition to Portugal* (1833)³ e Lloyd G. Hodges, que no mesmo ano editou a obra em dois volumes, *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*⁴. A par destas duas citaremos igualmente o trabalho dos oficiais Dixon e Lumley, intitulado *Facts Relating to the Expedition to Oporto*⁵.

Aliás, os sucessos militares e políticos de uma fase tão conturbada da nossa história foram objecto de vários relatos de participantes

ingleses, entre os quais a famosa obra do almirante Charles Napier, *An Account of the War in Portugal Between Don Pedro and Don Miguel* (1836)⁶, assim como os textos de James Edward Alexander, Lowell Badcock, Hugh Owen, Charles Shaw e William Young.

Embora marginal ao âmbito deste trabalho, impunha-se uma referência a estes autores e às suas obras, já que Edward Boid é também um oficial britânico e o seu livro, não obstante possuir um carácter diferente dos anteriores (trata-se de uma descrição do Arquipélago e não de um relato histórico sobre as lutas liberais e a presença militar inglesa em Portugal), tem como plano de fundo o cenário histórico da expedição liberal de 1832 e a guerra civil.

A escassez de dados biográficos sobre o comandante Boid pouco nos permite adiantar sobre a sua vida, a sua carreira militar, ou quaisquer outros interesses profissionais e artísticos. A origem social do autor é actualmente desconhecida e as datas do seu nascimento e morte permanecem na obscuridade. O seu nome e a história da sua vida não se encontram registadas no *Dictionary of National Biography*, que o ignora totalmente, o mesmo acontecendo com outras obras do mesmo tipo de origem britânica.

Entre os dicionários bibliográficos portugueses, somente a *Bibliotheca Açoriana*⁷ de Ernesto do Canto refere o nome de Edward Boid e o seu trabalho sobre os Açores, não adiantando quaisquer outros pormenores.

Também as obras de referência bibliográfica sobre literatura de viagens nada acrescentam acerca do nosso autor e do seu relato. Assim, tanto Arturo Farinelli em *Viajes por España y Portugal, Desde la Edad Media Hasta el Siglo XX*⁸ como Edward Godfrey Cox em *A Reference Guide to the Literature of Travel*⁹ o ignoram por completo. Neste âmbito, apenas Manuel Barnardes Branco se lhe refere, mais precisamente em *Portugal e os Estrangeiros*, onde, para além da tradicional citação bibliográfica, se transcreve um trecho de uma obra francesa sobre o Arquipélago, que inclui um comentário ao livro de Edward Boid:

Esta relação rescende ao carácter britânico, que raras vezes pecca pela indulgência para com as outras nações: acham-se nella contudo muitas noticias importantes para o conhecimento physico do archipelago¹⁰.

Tanto o Catálogo da British Library (Museu Britânico) como o *National Union Catalogue* da Biblioteca do Congresso de Washington, embora não acrescentem quaisquer dados bibliográficos sobre o autor,

incluem referências ao livro de Boid, publicado pela primeira vez em 1834 e reeditado sucessivamente em 1835 e 1838, o que atesta desde logo o êxito alcançado pela obra e o interesse de que então se terá revestido para os britânicos, ávidos leitores de relatos de viagem.

Mas, para além desta informação, ambos os catálogos fornecem referências a outros títulos publicados pelo autor, dois dos quais anteriormente à descrição dos Açores. Assim, e por ordem cronológica, temos em primeiro lugar a narrativa de uma viagem à Sicília e às Ilhas Lipárias, intitulada *Travels through Sicily and the Lipary Islands, in the Month of December 1824* (1827)¹¹.

Acerca da estada do autor no sul de Itália surgem, aliás, várias referências no relato sobre os Açores, incluindo alusões a alguns episódios presenciados por Boid naquele país, nos quais entrevê semelhanças com situações por ele vividas no arquipélago português.

As informações colhidas nas fontes atrás citadas permitem-nos depreender que Edward Boid, a par da carreira militar, possuía uma formação artística bastante sólida e talvez mesmo outros interesses profissionais em tudo diferentes da carreira das armas. Assim, verificamos que em 1829 o nosso autor publica uma obra sobre história da Arquitectura intitulada *A concise history and analysis of all the principal styles of architecture*¹². Mas, para além da Arquitectura, Boid terá sentido igualmente uma certa atracção por outros ramos da Arte, tendo publicado em 1843 um trabalho especializado sobre a pintura espanhola, *The history of the Spanish school of painting*¹³.

Embora na actualidade o autor seja praticamente desconhecido e ignorado por quase todas as grandes obras enciclopédicas, é provável que, através do seu relato de viagem sobre a Sicília e da história da Arquitectura, tenha alcançado determinada projecção junto do público britânico. O próprio frontispício de *A Description of the Azores* inclui, para além de outras referências do autor, os títulos dessas obras:

By Captain Boid, Late of H.M.F. Majesty's Navy, Knight of the Most Noble Order of the Tower and Sword, Corresponding Member of the Antiquarian Society of Caen, Author of «Travels Through Sicily and the Lipary Islands»; and of «A History of the Various Styles of Architecture»¹⁴.

A exiguidade dos dados que possuímos não nos permite adiantar algo mais sobre a origem, a formação e a personalidade do nosso autor. Todavia, a multiplicidade de interesses artísticos por ele manifestada, em áreas como a Arquitectura e a Pintura, assim como a particular

atenção que dedica na descrição dos Açores a questões científicas, nomeadamente à geologia, à botânica e à geografia do Arquipélago, implicam não só uma formação académica clássica, mas demonstram que Edward Boid estava perfeitamente integrado no espírito da sua época.

O mero conhecimento deste facto deverá conduzir-nos à busca dos motivos que terão levado Boid a optar pela carreira militar, procurando relacionar esta escolha com a própria formação artística do autor e a sua sensibilidade estética. Assim, apesar de nada sabermos acerca da sua origem social, parece-nos verosímil que tal escolha tenha sido motivada pela necessidade de um contacto directo com o mundo e a sociedade, que lhe garantiria a aquisição de conhecimentos úteis e práticos, pelo confronto com as situações mais diversas e o convívio com indivíduos dos mais variados escalões sociais ou mesmo de diferentes nacionalidades. Essa *wordly experience* era considerada pelos autores de tratados sobre Educação, desde o final do Renascimento e, em particular, a partir do século XVIII, um complemento essencial da formação do *gentleman* como nos diz George C. Brauer:

A similar tendency to rank a knowledge of the world above book knowledge was manifest in subsequent years. Thus Boyer's *English Theophrastus* contained the following observation: «Study makes a greater difference between a *Scholar* and an *Ignorant Man*, than there is between an *Ignorant Man* and a *Brute*. But the air of the World, yet makes a greater distinction between a *Polite* and a *Learned Person*. *Knowledge* begins the *Gentleman*; and the *Commerce of the World* compleats him». Eighteenth-century educational theorists of gentle blood were also inclined to consider the world more desirable than an acquaintance with books, even though they, unlike their less enlightened compeers, had no particular bias against learning¹⁵.

Mas a carreira militar, além do oferecer aos *gentlemen* essa experiência mundana, permitia-lhes igualmente viajar e adquirir um conhecimento profundo da Humanidade nas paragens mais longínquas.

Se, na maior parte, os jovens da classe dominante inglesa partiam para o seu *Grand Tour*, acompanhados pelos *tutors*, movidos pelo interesse meramente turístico ou por razões de estudo, alguns colocavam-se ao serviço da pátria, viajando como militares, para um destino que lhes era imposto.

Tratava-se frequentemente de uma opção temporária, que se procurava conciliar com propósitos de ordem cultural ou científica, aproveitando as campanhas militares no estrangeiro para alargar

conhecimentos nos domínios da História, da Arte, da Geografia ou das Ciências Naturais, cujo estudo fora já iniciado em Inglaterra ¹⁶.

É provável que o nosso autor, seguindo uma tradição ainda corrente em pleno século XIX, tenha escolhido a carreira das armas por motivos semelhantes àqueles que acabámos de referir. Na verdade, tanto os Açores como eventualmente a Itália, onde estivera em 1824, não foram destinos livremente escolhidos, mas impostos pelas funções militares por ele desempenhadas. Todavia, Edward Boid terá procurado tirar partido dessas viagens para descobrir regiões que até aí lhe eram estranhas e simultaneamente aprofundar os seus conhecimentos sobre aspectos particulares de outras culturas — por hipótese a arquitectura e as artes plásticas características dos locais visitados.

Esta ideia parece, aliás, confirmar-se pelo facto de as obras sobre história da Arquitectura e a pintura espanhola surgirem na sequência das viagens realizadas por Boid à Itália e aos Açores (que terá sido eventualmente complementada por uma estada em Portugal Continental ou até mesmo na Espanha, após o desembarque no Mindelo).

O carácter insuficiente dos dados biográficos sobre o autor não nos permite apresentar um quadro definitivo da sua vida e obra. Nesta medida, a interpretação formulada com base nos dados disponíveis poderá não passar de mera conjectura.

Porém não poderíamos terminar esta apresentação do autor sem citar as opiniões sobre ele formuladas por outros oficiais ingleses integrados na expedição naval de 1832.

Foi já dito que tanto o coronel Lloyd Hodges como o comandante Peter Mins foram companheiros de viagem de Edward Boid. As obras por eles publicadas, ambas editadas em 1833, contêm elementos essenciais para o conhecimento das controvérsias nascidas entre o almirante Sartorius e outros oficiais ingleses e com o próprio gabinete liberal português. Todavia, enquanto Lloyd Hodges pretendeu fundamentalmente construir um relato histórico, assumindo uma posição relativamente imparcial face aos acontecimentos descritos, já o comandante Peter Mins, que ocupava o segundo posto no comando da expedição, lança um libelo acusatório a Sartorius e ao seu secretário particular, Edward Boid. O seu objectivo era defender-se publicamente dos ataques pessoais contra ele proferidos pelas duas personagens em causa e denunciar as injustiças e prepotências por eles cometidas contra os oficiais ingleses e as tripulações durante toda a viagem.

Na verdade, o que ambos os textos nos revelam é o carácter mercenário da expedição organizada por D. Pedro, liderada por oficiais

ingleses pouco escrupulosos, que buscavam acima de tudo fazer fortuna e satisfazer a sua sede de glória individual.

É claro que, no âmbito deste trabalho, o verdadeiro interesse destas obras reside nas referências nelas contidas sobre as funções, a personalidade e a conduta de Edward Boid. A este propósito, citaremos em seguida uma passagem do prólogo de Mins:

There is not one of these personal imputations, which my late commander, assisted by his Secretary, has not cast upon me; — from all them, if I could have obtained a legal court-martial, I could readily have cleared myself; from some of them I have reason to believe, I was freed by an illegal court of inquiry, which my commander assembled; but he has kept the proceedings of that court involved in much obscurity, and its decision did not suffice to moderate the rancour of his tongue¹⁷.

Mais adiante, o mesmo autor refere-se novamente a Edward Boid:

Who after perusing this letter, will be surprised if I, thinking Captain Boid no longer worthy of the unreserved confidence of an honourable man, preferred that our future conversations should be held aloud, as we walked the deck, to listening in my cabin to the *insinuations* of his whispers. When he persisted in intruding his pernicious advice on me, I plainly told him, it was impossible for me to hide my feelings; and it was in vain he remonstrated with me, and really almost on his knees entreated me to submit my conduct to the guidance of his selfish wisdom¹⁸.

Além das referências negativas efectuadas por Peter Mins acerca do nosso autor, citaremos igualmente Lloyd Hodges que, num trecho da sua obra formula um juízo sobre Boid, assumindo, todavia, uma posição de distanciamento e neutralidade:

Unfortunately, no individual with this combination of qualities was placed about the person of Sartorius. He had selected an old friend, Captain Boid (of the rank of lieutenant in the British navy), an amiable man, but, as I have been informed by almost every officer in the squadron, a man of no sufficient acquaintance with the important, delicate, and special duties he had to perform, and, indeed, (owing to his long absence from sea-service) of little present efficiency as a sailor. To this gentleman have been attributed most of the evils and disagreements that have taken place throughout the fleet, up to the latest moment. Whether the imputation be right or wrong, is a question far from my province to decide: for I invariably kept aloof from interference in matters solely naval; and in this case, therefore, I speak of general report¹⁹.

Efectuado o estudo da vida e obra de Edward Boid, passaremos em seguida a analisar o seu livro sobre os Açores, trabalho pouco conhecido, não obstante os esforços empreendidos no sentido da sua divulgação pelo açoriano João H. Anglin que entre 1949 e 1951 publicou a tradução de todo o relato em três periódicos açorianos²⁰. Assim, através deste estudo pretende-se abrir caminho a uma investigação detalhada e sistemática sobre o autor e a sua descrição dos Açores.

Em primeiro lugar, diremos que *A Description of the Azores* terá sido a primeira descrição global do Arquipélago nos aspectos humano, cultural e geográfico, baseada fundamentalmente na observação directa da realidade insular e em notas de viagem registadas por Edward Boid ao longo do seu périplo por sete das nove ilhas dos Açores. Esta característica confere um carácter inovador à narrativa do oficial britânico, pois a única obra do género publicada anteriormente fora *History of the Azores or Western Islands*²¹ do capitão Thomas Ashe que terá permanecido apenas uma semana em S. Miguel. Assim, embora este oficial afirme ser a sua descrição resultado da observação directa dos locais relatados, o carácter impreciso e fantasista das informações apresentadas negam tal pretensão. Deste modo, a sua obra não poderá ser enquadrada no âmbito da narrativa de viagem documental e verídica, estando certamente mais próxima daquilo que Percy G. Adams define como *travel lie*:

A travel lie may be defined as a tale told by a traveler or pseudo traveler with intent to deceive [...] those men who told untruths about their journeys, the journeys of others, or no journeys at all, did not usually avoid reality. In fact, as we shall see, they knew the importance of the dictum, «Be careful to mix some truth with your lies». In the second place, the authors of travel deceptions are to be separated as completely as possible from the writers of imaginary voyages, a type of literature almost as popular in the eighteenth century as were the authentic travel accounts²².

Pelas razões anteriormente apontadas, poderemos afirmar que a obra de Edward Boid não corresponde de algum modo ao modelo acima descrito, já que o seu objectivo não era iludir o leitor mas, pelo contrário, divulgar aos ingleses, de forma mais vigorosa, a realidade açoriana, fundamentando a sua narrativa em dados colhidos no contacto com a realidade das ilhas e certamente na leitura de bibliografia sobre o Arquipélago.

Importa, todavia, acrescentar que *A Description of the Azores*, como todas as narrativas de viagem, terá de ser entendida na sua relatividade.

A descrição de Edward Boid não poderá ser tomada como verdade absoluta, mas como uma visão pessoal do Arquipélago entre muitas outras. Citaremos a este propósito aquilo que nos dizem Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henry Pageaux, enquanto se referem ao carácter profundamente subjectivo da narrativa de viagem:

Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objecto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. Ele é assim narrador, actor, experimentador e objecto de experiência. Ou ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário e, enfim, contador para gáudio deste.

[...] Queremos simplesmente dizer com isto que o escritor-viajante, ao tentar fazer obra literária, vai efabular. E o importante, do ponto de vista do estudo literário, é observar segundo que lógica se vai construir esta espécie de «mentira», segundo que fantasia criadora se vão desenvolver as confidências do viajante²³.

Tendo em conta estes pressupostos teóricos, passaremos em seguida a analisar, numa primeira instância, a forma como Edward Boid estrutura e organiza a sua obra.

Desde logo, verificamos que o objectivo de descrever o Arquipélago e os seus habitantes se sobrepõe, em parte, à necessidade de narrar impressões pessoais, colhidas ao longo da viagem, ou episódios mais ou menos pitorescos por ele presenciados. Por outro lado, a estrutura da narrativa não segue o percurso físico efectuado pelo autor nas suas deslocações entre os diversos pontos da Região, como tradicionalmente acontece no relato de viagem. Nesta medida, verificamos que o discurso de Edward Boid não é linear, sendo impossível reconstituir todo o seu itinerário sem efectuar previamente a leitura integral da obra.

Ao apreendermos uma análise global de *A Description of the Azores or Western Islands*, deparamos com uma estrutura tripartida bem delineada. A primeira parte do livro, intitulada «Remarks on the Archipelago of Islands, in the Atlantic, called Azores», é uma descrição geral, de carácter introdutório, incluindo referências à história de Portugal e dos Açores, desde a sua descoberta, observações sobre a geografia, a geologia e a economia do Arquipélago. Inclui igualmente dados particulares relativos aos seus habitantes, ao seu temperamento e cultura, assim como referências às realizações artísticas por eles alcançadas. Esta parte da obra inclui fundamentalmente dados factuais

e estatísticos que o autor não se coíbe de comparar com aspectos diversos da realidade britânica e dos territórios ultramarinos controlados por aquele país.

O comandante Boid começa desde logo por exercer a sua actividade crítica, comentando os dados que apresenta. É provável que a maior parte da informação de que o autor se serve nesta introdução tenha sido obtida na leitura de uma bibliografia de carácter histórico sobre os Açores e Portugal, colhida durante a sua estada no nosso país ou adquirida após o regresso à Grã-Bretanha, e eventualmente em relatos de viagem anteriores. Todavia, à excepção de uma referência lacónica a Robert Southey²⁴, o nosso autor não inclui quaisquer informações relativas às fontes consultadas.

A segunda parte da obra é integralmente consagrada à descrição pormenorizada de cada uma das ilhas, incluindo dados sobre todos os aspectos abordados na primeira metade do livro. É aqui que começa a narrativa de viagem propriamente dita, atingindo o autor um maior grau de subjectividade na descrição e aproximando-se nalgumas passagens de um nível literário. Particularmente importantes, por nos revelarem bastante daquilo que era a formação estética e artística do autor, são as suas referências à paisagem açoriana, sobre as quais nos debruçaremos mais adiante. Edward Boid abandona nesta parte da obra o tom meramente informativo e factual para passar a uma abordagem pessoal da realidade insular, tanto a nível social como cultural e paisagístico.

A ordem segundo a qual o autor decide apresentar cada uma das ilhas não tem, como já foi dito, qualquer relação com o itinerário seguido na sua visita ao Arquipélago. Neste caso, Boid escolhe uma ordem meramente geográfica, obedecendo igualmente à divisão administrativa então vigente. Começa por dar a conhecer aos leitores o grupo oriental, para descrever seguidamente os grupos central e ocidental. As ilhas que o autor descreve em maior pormenor são S. Miguel, Terceira e Faial, as mais populosas da região e as mais importantes do ponto de vista administrativo, por nelas se situarem as capitais dos três distritos do Arquipélago — Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta. Estas três ilhas foram igualmente aquelas que o autor visitou mais demoradamente, por razões que se prendiam com as suas funções militares. O itinerário escolhido pelo autor e pelos seus companheiros de viagem na visita a cada uma delas pode ser facilmente reconstituído pelo carácter minucioso do relato.

As restantes ilhas (à excepção das Flores e do Corvo, que não visitou) são descritas muito brevemente, pois a deslocação às mesmas ficou a dever-se a um interesse pessoal de Edward Boid ou foi meramente ocasional — motivada em alguns casos pelas frequentes escalas que os navios então efectuavam.

A Description of the Azores or Western Islands termina com um apêndice sobre alguns factos ocorridos durante a expedição liberal, em particular as disputas em que ele próprio e o Almirante Sartorius se envolveram com Peter Mins. Este capítulo não será analisado no nosso estudo, por se tratar de um texto de carácter histórico e não fazer parte integrante da descrição dos Açores. Não poderíamos, porém, deixar de incluir uma breve notícia sobre o mesmo e acrescentar que se trata de uma resposta do autor às acusações contra ele proferidas por Peter Mins na obra *A Narrative of the Naval Part of the Expedition to Portugal* (1833)²⁵, referida por Boid nos seguintes termos:

I had really considered it quite supererogatory to notice such a work as that of Captain Mins, — a composition the very nature of which renders it too contemptible for reply, — since it amounts to nothing else than a rhapsody of self-commendation, varied only (*dans le langage des halles*) by a tirade of malignant abuse and slander against Admiral Sartorius and myself.

E um pouco mais adiante:

However, certain erroneous impressions having been made by his grossly false statements, and gained ground from want of refutation, I now deem it necessary to make the few following comments²⁶.

Diremos finalmente que este trecho da obra do comandante Boid contém alguns elementos relevantes para o estudo da intervenção inglesa em Portugal durante as lutas liberais e igualmente da expedição de 1832. Acrescenta ainda pormenores sobre o processo que conduziu à demissão do almirante Sartorius do posto de chefia da frota liberal e à sua consequente substituição pelo almirante Charles Napier.

Passaremos, em seguida, à análise da imagem que Edward Boid, enquanto cidadão e militar britânico, transmitiu dos Açores aos seus compatriotas. O posicionamento do autor face à realidade que encontrou no Arquipélago é permanentemente caracterizado pela duplicidade. Deste modo, verificamos que o relato de Boid contém, em simultâneo, duas versões opostas mas complementares das Ilhas Ocidentais. O relato transmite, aliás, a complexidade do seu tempe-

ramento e da sua formação e permite-nos enquadrá-lo no espírito da época romântica.

A forma como o autor descreve a paisagem açoriana é uma prova inequívoca desse facto e reflecte um permanente fascínio exercido pelo cenário natural do Arquipélago. As constantes referências a aspectos paisagísticos, qualificados de sublimes, pitorescos e românticos, reflectem claramente a formação artística de Edward Boid.

Mas, para além do encanto que a natureza nele desperta, aquilo que o nosso viajante sente ao contemplá-la é verdadeiro prazer estético. Assim, torna-se curioso verificar que Boid, tal como a maioria dos autores da sua época, está ainda profundamente marcado pela perspectiva teórica e crítica de autores do século anterior, como Edmund Burke, autor de *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas on the Sublime and the Beautiful* (1754). O trecho que em seguida citaremos ilustra claramente esta tendência:

To the philosophical spectator, these islands furnish in their volcanic phenomena a superabundant source of contemplation calculated to inspire at once terror, admiration and reverence. The horrible scenes of past devastation; extensive plains of lava that have been vomited from the bowels of the earth in fiery torrents: and the dark, gloomy looking, rugged masses of matter that have been ejected in ages gone by, and now constitute through the operation of time enormous indurated rocky mountains — tend to awaken in man a sense of his own littleness, and to force him, in spite of himself, silently to acknowledge and at the same time adore the hand of that stupendous and incomprehensible Power that formed them²⁷.

Este tipo de caracterização da paisagem irá manter-se ao longo de toda a obra e em especial na descrição da ilha do Faial, cuja beleza lhe proporcionou momentos de experiência intelectual e existencial profundamente enriquecedores:

It abounds in picturesque scenery, which combines, in general, marine objects with inland, as well as with the above-mentioned giant features of the opposite island [Pico]; — thus offering invaluable opportunities to the draughtsman; and I do not know that I have anywhere else enjoyed nature's loveliness in such variety, such camelion-like alternation as here. The tame, unruffled tranquility peculiar to more southern latitudes, exists not: for, notwithstanding its mild, delicious climate, the sudden storms and changes of weather to which it is peculiarly subject, give to the same scenes a diversity of character inconceivably grand and exciting²⁸.

Na verdade, o pitoresco da paisagem oferecia grandes oportunidades àqueles que possuíam dotes artísticos como o almirante Sartorius, autor²⁹ das quatro gravuras que ilustram esta obra. Edward Boid descreve pormenorizadamente um dos locais retratados pelo líder da expedição — o Ilhéu de Vila Franca e a vista da Ilha de S. Miguel obtida deste local:

[...] We had a beautiful picture of the town of Villa Franca, with its undulating heights and rich-looking environs: these, seen as through a vista, were combined with rude grotesque forms of the lava boundaries of the Ilheo, in the foreground; the lake beneath with two or three dilapidated small craft then lying there, while another prominent object consisted of a group of fat rubicund friars, at that moment revelling over a savoury pic-nic on the side of rocks. The whole constituted as fine a specimen of the picturesque as Poussin, in the most fastidious moments, could have desired: nor was it thrown away upon the graphic powers of the Admiral, who committed it to his sketch-book whilst standing there³⁰.

Este deslumbramento perante os aspectos sublimes da paisagem açoriana estende-se, por outro lado, à fertilidade do solo, à amenidade do clima e finalmente às condições naturais consideradas únicas e quase ideais. Todavia, Boid considera que os habitantes destas ilhas paradisíacas as não sabem apreciar nem aproveitar. O regime despótico a que os açorianos estiveram submetidos durante séculos pelo governo central e pelas autoridades locais, aliado à repressão eclesiástica, haviam condenado as populações à letargia, à ignorância e ao subdesenvolvimento. Porém, Edward Boid não manifesta autêntica estranheza perante esse quadro, por conhecer as causas de tal situação, longamente expostas no seu livro. Mas é de um modo particularmente crítico que o autor denuncia a acção dos capitães-gerais, representantes do Rei no Arquipélago, acusados de despotismo, incúria e oportunismo:

These latter have, generally speaking, been ignorant, uneducated men, who sought no further advantage from their situation than the gratification of all their evil propensities and passions, which they would enforce even at the point of the bayonet. The conduct of these wretches, indeed, was so abhorrent, that feelings of disgust induce us to draw a veil over its details³¹.

De igual modo, a Igreja Católica e as instituições monásticas não são poupadas por Edward Boid, que descreve de forma dramática e, por vezes, fantasista, a acção censória e inquisitorial exercida pelas mesmas até à publicação da Carta Constitucional de 1822 e à sua efectiva aplicação com a revolução liberal:

I may however venture to say, Roman Catholicism, until the present era, has been practised here, if possible with greater intolerance than anywhere else, by the hordes of its profligate ministers — who were, for the most part, so unpardonably ignorant, so disgracefully and shamefully vicious, that every establishment or institution connected with ecclesiastical dominion was a source of most serious mischief and scandal³².

Mais violento é o ataque desferido por Boid às instituições monásticas — conventos e mosteiros — considerados autênticos antros de prostituição e vício. Esta opinião não nos deve, contudo, chocar, pois era essa a visão então corrente na Inglaterra anglicana sobre a Igreja Católica e as instituições que lhe estavam subordinadas:

Until the month of March, 1832, the numerous monasteries and nunneries were, as we have said, a source of incalculable evil. Whilst the former nurtured within their walls a class of beings who prowled about and infested every avenue of society, gratifying unhallowed propensities by means of their religious influence at the expense of the honor, happiness, or property of others; — the latter were esteemed as little better than public brothels, being at all times accessible to young men, who fearlessly and habitually visited the paramours they had chosen amongst those females who had quitted the world with the professed purpose of devoting life to chastity and their God³³.

Depois de acusar a Igreja de promover nos Açores o vício, de difundir entre os seus habitantes a superstição e a idolatria, Edward Boid, protestante, exulta perante as medidas tomadas pelo regente D. Pedro e pelo gabinete liberal, considerando-as verdadeiramente regeneradoras. Entre outras decisões, Boid refere a dissolução das ordens monásticas e a redução dos privilégios da Igreja³⁴. Todas elas anunciavam, para o autor, uma época de tolerância religiosa, abertura política e prosperidade para Portugal e para os Açores.

Mas, para ele, existiam ainda outros obstáculos ao desenvolvimento do Arquipélago, causadores da estagnação da sua economia. No plano agrícola, registava-se a ausência duma política dinâmica que

promovesse o integral aproveitamento das potencialidades agrícolas dos Açores, nomeadamente o cultivo de todo o solo arável nas várias ilhas e a introdução de novas culturas. Por outro lado, os morgados, grandes proprietários rurais de origem aristocrática, que então controlavam três quartos dos terrenos agrícolas, exploravam de forma deficiente as suas enormes propriedades. A ausência de estímulos, de capitais e meios técnicos adequados levavam-nos a alugar pequenas parcelas a rendeiros ignorantes, que pouco investiam no seu cultivo, ao sentirem-se explorados³⁵.

Segundo Edward Boid, as autoridades nada faziam para promover o comércio e o desenvolvimento de manufacturas dos Açores, onde a inexistência de uma rede de boas estradas de penetração encarecia o preço de venda dos produtos nas localidades mais populosas³⁶. Esta situação constituía um dos factores mais adversos ao desenvolvimento da economia da Região, segundo afirma o autor.

Como vimos, Edward Boid não é apenas o homem romântico, cujo perfil psicológico acompanha o gosto e as tendências estéticas da sua época. Pela sua formação profissional e cultural, assume uma atitude racional e distanciada sempre que efectua referências aos aspectos sociais, políticos ou económicos. Não podemos esquecer que o autor é um militar, preocupado em recolher dados estatísticos sobre a Região, nomeadamente relativos à demografia, à actividade agrícola e comercial, assim como à estrutura geológica das ilhas.

Na sua qualidade de oficial da *Royal Navy*, fornece igualmente numerosos elementos sobre questões ligadas à navegação no Arquipélago, incluindo referências às correntes marítimas, às rotas mais favoráveis e aos perigos a evitar pelos navegantes que desconheçam as águas dos Açores. Neste âmbito, Boid dedica ainda particular atenção à condição dos portos e ancoradouros, referindo os locais ideais para o abastecimento dos navios que atravessam o Atlântico e buscam no Arquipélago um local apropriado para uma escala.

O nosso autor lamenta que as condições naturais favoráveis à construção de infra-estruturas portuárias, não estejam ainda aproveitadas, sugerindo às autoridades portuguesas a criação de portos oceânicos em Vila Franca do Campo e na Horta. Estes locais seriam, segundo Boid, aqueles que garantiriam maior segurança à navegação e permitiriam, pela sua estrutura geológica, uma construção rápida e menos dispendiosa. O mapa dos Açores publicado no livro apresenta duas plantas pormenorizadas dos mesmos, que incluem os planos para esses dois portos.

A visão de Edward Boid é acima de tudo a de um cidadão britânico originário de uma grande potência militar, industrial e comercial de carácter hegemónico. Por esse motivo, a sua atitude face à realidade açoriana, aparentemente escandalosa e pouco evoluída, é sempre a do inglês altivo e arrogante, que afirma a sua superioridade perante a situação encontrada. Prova inequívoca desta tendência é a forma particularmente crítica e agressiva que o autor utiliza ao descrever a personalidade dos ilhéus:

They are mild in character and of quick perception; but in every class so deplorably ignorant, and in such a state of mental abasement, that their existence is not many degrees elevated above that of unreasonable animals³⁷.

Esta atitude excessivamente crítica em relação aos açorianos revela em simultâneo uma compreensão dos factores que os conduziram a tal estado de inércia, decadência moral e material, mas demonstra também a incapacidade de aceitar este mesmo quadro. O autor não consegue de modo algum integrar-se na realidade encontrada ou assimilá-la, assumindo sempre uma atitude distanciada e preconceituosa. Assim, a situação descrita é totalmente rejeitada pelo viajante, que prefere imaginar um futuro de prosperidade para a região sob os auspícios de um governo liberal e esclarecido, preocupado em desenvolver os Açores segundo o modelo económico britânico. A realidade açoriana é, deste modo, assimilada e reduzida ao universo cultural do próprio autor, única forma de enfrentar um quadro que o chocava profundamente:

Reform — that grande principle, whose name has so long operated as a watch-word throughout the wide-extended empire of Britain; — that principle, the application whereof is calculated to purify all the abuses of time, abuses which naturally gather round and clog every human institution; — this is to which the well-wisher of the Western Islands, in common with the entire Portuguese monarchy, must look for consolation and hope. Reform! it is a cry that [...] should swell from the banks of the Tagus, and increase in volume until echoed from the resounding shores of the Azores: [...] such a principle of reform-wisely and, at the same time fearlessly pursued, — would operate to the political salvation of the interesting Western Islands, but of the still more interesting peninsula of Portugal and Spain; a peninsula abounding in natural gifts and capabilities [...] ³⁸.

Deste modo, o autor não considera a situação relatada exclusiva dos Açores, mas comum a toda a nação portuguesa em geral e a outros

países, como a Espanha e a Itália, submetidos durante séculos a regimes semelhantes.

Existem, aliás, numerosos pontos de contacto entre as opiniões formuladas por Boid acerca dos Açores e a descrição de Portugal Continental efectuada por numerosos viajantes ingleses. Para além das frequentes denúncias da política opressiva das autoridades civis e eclesiásticas, têm em comum as habituais críticas à ignorância, à preguiça e à falta de higiene dos portugueses, assim como as contínuas referências ao atraso económico, ao mau estado das estradas ou ao aspecto sujo e degradante das ruas nas principais cidades.

Porém, a forma como o autor conclui a sua obra é invulgar. Trata-se de uma autêntica exortação ao governo português, no sentido do integral aproveitamento das riquezas inexploradas dos Açores e da criação de infra-estruturas que estimulem um desenvolvimento harmonioso da economia insular. Uma vez ultrapassados os obstáculos à prosperidade do Arquipélago, o principal objectivo do governo português seria, na perspectiva de Boid, atrair aos Açores uma nova vaga de colonos europeus, em particular de ingleses, cujo espírito dinâmico e empreendedor contribuiria para transformar a Região num dos locais mais atraentes e ricos do globo. Aliás, um dos principais objectivos do autor é divulgar essa *terra incógnita*, rica e paradisíaca, mas votada ao abandono pelos portugueses:

Such are the Azores: — to the commonwealth of European Nations, including their parent state, a *terra incognita*: — a mine of wealth, not undiscovered, but unworked³⁹.

De igual modo, Boid pretendeu ensinar ao governo português qual o interesse das colónias para uma nação moderna, utilizando conceitos que, em muitos aspectos, estão próximos da filosofia económica de Adam Smith, autor de *An Enquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776). Assim, explica minuciosamente o que poderia alcançar Portugal através de um correcto aproveitamento das suas colónias, enumerando as razões que impediam o nosso país de o conseguir. O nosso autor vai ao ponto de sugerir, embora de um modo subtil e nunca declarado, que a Grã-Bretanha devia reclamar a extensão do seu poderio aos Açores, se as autoridades legítimas persistissem nos erros do passado, votando as ilhas à incúria e ao subdesenvolvimento.

Boid revela-se de novo como o inglês racional que sabe o que faz e pretende, procurando apresentar como modelo a experiência colonial

inglesa, cujos resultados económicos eram altamente proveitosos para a metrópole.

O final da obra é, sem dúvida, didáctico e o autor acaba por descobrir aspectos de grande interesse no Arquipélago, que lhe permitem afirmar que os Açores são passíveis de uma exploração lucrativa. Ontem, tal como hoje, tratava-se de uma região bela, plena de riquezas e potencialidades quase integralmente desprezadas. Contudo, o comandante Boid reafirma a sua confiança num futuro distante de grandeza e prosperidade para os Açores, sendo a visão que nos legou globalmente positiva:

Then shall some future traveller or historian [...] relate as in actual existence, those triumphs and glories which can now only be adverted to by anticipation; and the prosperous condition of the Azores shall realize that brilliant dream, which the individual laying down his pen, weaves with fond and cherished confidence⁴⁰.

NOTAS

¹ Trecho de uma balada popular cantada pelos soldados britânicos integrados na expedição de 1832, ao partirem de Belle Isle com destino a Portugal. A composição é citada integralmente por Peter Mins em *A Narrative of the Naval Part of the Expedition to Portugal, Under the Orders of His Imperial Majesty, Dom Pedro, Duke of Braganza [...] With a Vindication of Himself, Against the Aspersions, of Vice-Admiral Sartorius, and his Secretary, Captain Boid*, London, Sherwood, Gilbert and Piper, 1833, pp. 21-22.

² *A Description of the Azores or Western Islands. From Personal Observation. Comprising remarks on their peculiarities, topographical, geological, and on their hitherto neglected condition*, London, Bull and Churton, 1834.

³ Cf. *supra*, nota 1.

⁴ 2 vols., London, James Fraser, 1833.

⁵ *Facts Relating to the Expedition to Oporto, and the Rascally Conduct of Dom Pedro, His Ministers and Agents, Towards the British Troops*, London, Published by Capt. Dixon and Lieut. Lumley, Warwick Court, Holborn, 1832.

⁶ 2 vols., London, T. and W. Boone, 1836.

⁷ *Bibliotheca Açoriana, Noticia Bibliographica das obras impressas e manuscriptas nacionaes e estrangeiras, concernentes às Ilhas dos Açores*, Ponta Delgada, Typ. do Archivo dos Açores, 1890, vol. I, p. 45.

⁸ *Viajes por España y Portugal, Desde la Edad Media Hasta el Siglo XX, Nuevas y Antiguas Divagaciones Bibliograficas*, vols. I-II, Roma, Reale Accademia d'Italia; Vol. III, Firenze, Accademia d'Italia, 1944.

⁹ *A Reference Guide to the Literature of Travel, Including Voyages, Geographical Descriptions, Adventures, Shipwrecks, and Expeditions*, 3 vols., Seattle, University of Washington, 1935.

¹⁰ Vol. I, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, 1879, p. 156.

¹¹ London, T. Flint, 1827.

¹² *A concise history and analysis of all the principal styles of architecture; namely Egyptian, Grecian, Roman, that of the dark ages, of the Arabians and of the Normans; including a detailed description of the origin, progress and decline of the Gothic. To which is added a sketch of the architecture of England, down to the present time*. By an amateur, London, T. Cadell, 1829. Esta obra foi reeditada em 1835 e 1839.

¹³ *The history of the Spanish school of painting, to which is appended an historical sketch of the rise and progress of the art of miniature illumination*, London, Moyes and Barclay, 1843.

¹⁴ Vide *op. cit.*, p. I.

¹⁵ *The Education of a Gentleman, Theories of Gentlemanly Education in England, 1660-1775*, New Haven, Connecticut, College and University Press, 1959, p. 69.

¹⁶ A tradição britânica da viagem como complemento da educação do jovem *Gentleman*, que remonta à época isabelina, aprofunda-se nos séculos XVII e XVIII, prolongando-se pela época romântica e por todo o século XIX, período em que viveu Edward Boid.

¹⁷ «Advertisement», in *A Narrative of the Naval Part of the Expedition to Portugal*, p. XI.

¹⁸ *Ibidem*, p. 50.

¹⁹ *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*, vol. I, pp. 52-53.

²⁰ Toda a introdução ao relato (Part I), intitulada «Remarks on the Western Islands», e os dois primeiros capítulos da segunda parte que contêm a descrição do Distrito de Ponta Delgada foram traduzidos por Anglin na revista *Insulana*, Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. V (n.ºs 1-4, 1949), vol. VI (n.ºs 1-4, 1950) e vol. VII (n.ºs 1-4, 1951).

A parte da obra respeitante às ilhas do Distrito de Angra do Heroísmo foi publicada no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. VII, Angra do Heroísmo, s.ed., 1949, pp. 256-282. A versão portuguesa dos capítulos referentes ao Distrito da Horta foi editada em opúsculo pela Livraria Andrade, de Angra do Heroísmo, em 1951.

²¹ London, Sherwood, Neely and Jones, 1813.

²² *Travelers and Travel Liars, 1660-1800*, 2.ª edição, New York, Dover Publications, 1980, Cap. I, pp. 1-2 (1.ª edição, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1962).

²³ *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1981, Parte I, Cap. 2, pp. 27-28.

²⁴ *Op. cit.*, Part I, Cap. VI, p. 67.

Ao referir-se neste capítulo aos ataques de corsários ingleses aos Açores, nomeadamente por Walter Raleigh em 1586 e 1597, menciona em nota de rodapé o nome de Robert Southey. Certamente terá consultado uma das versões do relato da viagem do poeta Romântico a Portugal.

²⁵ Vide *supra*, notas 2, 16 e 17.

²⁶ Vide «Appendix», in *op. cit.*, p. 339.

²⁷ *Ibidem*, Part.I, Chapter I, pp. 20-21.

²⁸ *Ibidem*, Part.II, Chapter VI, p. 295.

²⁹ Esta ideia é confirmada pelo Marquês de Jácome Correia na obra *Leituras Sobre a História do Valle das Furnas*, Ilha de S. Miguel — Açores, Oficina de Artes Gráficas, 1924, pp. 75-76, onde se efectua uma referência ao livro de Boid.

³⁰ *Op. cit.*, Part II, Cap. II, pp. 127-128.

Esta mesma paisagem serve de tema a uma das gravuras de Sartorius publicada na obra, intitulada «Villa Franca, from an island, an extinct crater».

³¹ *Ibidem*, Part.I, Chapter IV, p. 43.

³² *Ibidem*, Part.I, Chapter V, pp. 56-57.

³³ *Ibidem*, Part.I, Chapter V, pp. 57-58.

³⁴ *Ibidem*, Part.I, Chapter V, pp. 58-59.

³⁵ *Ibidem*, Part.I, Chapter II, pp. 27-28.

³⁶ *Ibidem*, Part.I, Chapter II, p. 29.

³⁷ *Ibidem*, Part.I, Chapter V, p. 48.

³⁸ *Ibidem*, Part.II, Chapter X, p. 334.

³⁹ *Ibidem*, Part.II, Chapter X, p. 334.

⁴⁰ *Ibidem*, Part.II, Chapter X, p. 335.